

O MANUSCRITO SAGRADO DOS MALAQUINS

Há muitos e muitos anos, há tantos anos quanto o número de estrelas no céu, o paraíso celeste foi palco de uma terrível insurreição. Armados com espadas místicas e coragem divina, querubins leais a Javé travaram uma batalha sangrenta contra o arcanjo Miguel e os anjos que o seguiam.

Deus, o Senhor Supremo de Todas as Coisas, continuava imerso no profundo sono em que caíra após ter concluído o trabalho da criação: o descanso do sétimo dia. Enquanto Deus permanecia ausente, os arcanjos ditavam as ordens, impondo os seus desígnios no céu e na terra. Sentados no topo dos seus tronos de luz, cada um deles almejava alcançar a divindade.

Concentrando todo o poder sob as suas asas, os poderosos arcanjos, onnipotentes e intocáveis, utilizavam a palavra de Deus para justificarem a sua própria vontade. Revoltados com o amor que o Criador votava aos seres humanos e movidos por um ciúme intenso, decidiram ir contra as leis do Altíssimo e destruir todos os homens que caminhassem sobre a terra, acabando assim com parte da criação do Divino.

Impulsionado por essa fúria, Miguel, o Príncipe dos Anjos, enviou diversas calamidades à Haled, mas, como insetos persistentes, os mortais resistiram. Os tiranos alados desejavam um regresso à aurora dos tempos, quando só os animais povoavam o mundo. Nunca aceitariam venerar uma criatura feita a partir do barro, uma vez que eles mesmos tinham sido gerados a partir do próprio esplendor e glória do Senhor.

Decidido a eliminar de vez a humanidade, Miguel ordenou que os ishins, a casta angélica que controla as forças da natureza, arquitetassem a destruição final. Submissos, os ishins derreteram as calotas polares e a terra foi inundada por um volumoso dilúvio. Não obstante, os mortais subsistiram novamente.

Diante de tanta morte e devastação, teve então início uma conjuração. Na sua inocência política, os líderes dessa conjuração foram traídos por outro arcanjo, Lúcifer, a Estrela da Manhã, o único que conhecia o plano dos revoltosos para libertarem o paraíso da opressão a que estava submetido. Quando o Arcanjo Sombrio denunciou as ideias revolucionárias, os rebeldes foram derrotados, expulsos do céu e condenados a vagarearem pelo mundo dos homens até ao fim dos tempos. Enquanto a luz do sétimo dia brilhar, enquanto Deus continuar adormecido, os anjos renegados serão perseguidos e mortos pelos agentes celestiais.

Com o poder e o prestígio que conseguiu por ter delatado os insurgentes, Lúcifer arquitetou a sua própria revolução. Movido por interesses nada justos, o Arcanjo Sombrio pretendia tomar o principado de Miguel e ascender acima do próprio Criador, coroando-se em Tsafon, o Monte da Congregação, e tornando-se assim igual a Deus. O Filho do Alvorecer não queria apenas vencer o seu irmão, desejava tornar-se ele próprio Deus: subjugar não apenas o monarca, mas também Javé.

Muitos anjos, revoltados com a política celeste, não conheciam as motivações egoístas de Lúcifer e juntaram-se a ele. Ao descobrir a traição, o Príncipe dos Anjos declarou nova guerra, e uma segunda batalha deflagrou então. Devido aos seus atos e ambições macabras, a Estrela da Manhã e os seus seguidores foram lançados ao Xeol, o obscuro poço de trevas e sofrimento, um lugar terrível e cárcere permanente. Aí, o Arcanjo Sombrio governa e espera o momento certo para iniciar a sua vingança. Hoje, os mortais conhecem essa dimensão pelo nome de inferno.

Muitos milénios se seguiram às duas guerras angélicas, e desde então os humanos reinventaram o período das grandes catástrofes com as suas próprias armas modernas.

No céu e no inferno, o Armagedão marca o início de uma nova era. Quando o ciclo for completado, Deus despertará do seu sono e todas as sentenças serão revistas. O tecido da realidade cairá. Antigos inimigos enfrentar-se-ão, e não haverá fronteiras entre as dimensões paralelas. Esse será o Dia do Juízo Final.

O crepúsculo do sétimo dia aproxima-se e a noite cairá em breve.

PARTE 1

VINGADORA SAGRADA

PRÓLOGO

Tsafon, o Monte da Congregação, na atualidade.

Certo dia, o arcanjo Uziel, cansado daquela espera infundável, resolveu galgar o monte Tsafon e afrontar o seu irmão Miguel. Armou-se com a sua espada de fogo, vestiu uma armadura dourada e avançou pela longa escadaria de mármore que levava à construção de pedra no topo do monte. No cimo dos degraus, o Santuário do Alvorecer aparecia meio oculto pelas nuvens geladas, um aposento imponente, erguido por largas colunas redondas. Uma forte luz azulada coruscava no seu interior, um brilho que o arcanjo acreditava ser as emanções do próprio Deus.

Mesmo através do elmo polido que completava o conjunto da bela couraça, o rosto de Uziel era austero e demonstrava a sua vontade. Ponderara sozinho durante anos a fio e agora decidira finalmente visitar o Altíssimo, só para ter a certeza de que o espírito de Deus continuava adormecido no santuário e não morto, como às vezes suspeitava. Um dia, há muito tempo, Uziel contemplara a face do Criador, uma dádiva reservada aos arcanjos — nem os anjos tiveram esse júbilo. E o que viu foi fraternidade, amor e compreensão. Mas, então, como teriam os celestiais chegado àquele grau de corrupção? O paraíso caíra em decadência, e com ele também o mundo dos homens.

Mas o caminho até ao santuário não seria facilmente vencido. Miguel, o Príncipe dos Anjos, irmão direto de Uziel, guardava o trono divino e não estava disposto a permitir-lhe o ingresso. Bloqueava a passagem sozinho, brandindo a sua espada sagrada, a insuperável

Chama da Morte. Envergava uma armadura completa, prateada como os raios da lua e adornada no peito com detalhes dourados que formavam desenhos complexos no metal espelhado. O capacete, de crista vermelha e queixada pontiaguda, fora posto de lado, deixando visíveis as feições masculinas, a barba por fazer e o rosto cheio de cicatrizes horríveis, adquiridas nas Batalhas Primevas, um confronto ancestral ocorrido antes da própria criação do universo.

Miguel era o mais forte dos cinco arcanjos, o primogénito, o herdeiro do Criador. O cabelo, negro e comprido, era cortado por uma mecha alva que corria até à nuca estava preso num rabo de cavalo pouco alinhado. Se fosse avistado por olhos humanos, poucos o reconheceriam como uma entidade celeste, não fossem as asas branquíssimas e afiadas como navalhas.

O vento ameno da aurora agitou-lhe o cabelo e soou como um apito aos ouvidos de Uziel, que estacou a dez metros do guardião, na parte mais baixa da escadaria. Os dois gigantes encararam-se silenciosos: Miguel, forte e confiante; Uziel, indignado e decidido. Uziel levantou a espada em posição de defesa, segurando-a com ambas as mãos.

— Sai do meu caminho, Miguel. Estou a reivindicar o direito de visitar o nosso Pai, Javé, no seu leito de repouso. É meu direito como arcanjo e descendente do Criador.

Por um momento, o príncipe nada disse. De seguida, desceu um degrau. — Não vais a lugar nenhum, caro irmão. A minha paciência esgotou-se. Estou farto da tua insolência. Sou o Príncipe dos Anjos, e isso significa que sou o líder dos arcanjos também. A minha palavra é a lei. Javé está a dormir, como sabemos. E não pode ser perturbado. Estou aqui para o defender, e não serás tu ou quem quer que seja que me destituirá da minha função principal.

Uziel pareceu ficar ainda mais irritado. — E como saberei que ele está aí dentro, Miguel? Dizes-nos o mesmo há milénios, insistindo que um dia o Criador despertará para punir os injustos. Pois eu digo que esse dia chegou. A podridão tomou conta do mundo. Já está na hora de sabermos se o que dizes é verdade.

— Atreves-te a questionar os meus comandos? Sou o teu irmão mais velho! Não duvides do teu comandante.

— Vê só aonde nos levaste e pergunta-te a ti mesmo se és realmente um líder. Gabriel arrastou metade dos nossos anjos para uma guerra civil contra nós, e Rafael abandonou-nos e caiu em desgraça. Se te opuseres a mim, que outro arcanjo terás ao teu lado? Lúcifer?

— ironizou ele, evocando o nome do maior de todos os inimigos do céu: Lúcifer, o Arcanjo Sombrio, expulso do paraíso com a sua horda nefasta pelo próprio Miguel.

O Príncipe dos Anjos lançou um olhar de desdém ao invasor, ao mesmo tempo que levantava a sua espada fulgente. — Não preciso de ti, Uziel. Não preciso de ninguém.

O guardião empunhou a arma e brandiu-a para o ataque. As suas chamas cresceram e a luz do fogo sagrado refletiu-se nos olhos castanhos do príncipe. Uziel sentiu vontade de fugir perante a majestade do guardião, mas essa pujança motivou-o para o combate.

— Então é verdade, não é? É verdade o que Gabriel disse aos anjos dele... — Mas, antes que Uziel terminasse, Miguel levantou voo e desceu para ferir o irmão com um violento golpe de espada. Ofuscado pelo brilho do sol, Uziel quase não se esquivou, mas conseguiu rolar para o lado no instante preciso. Um estrondo titânico abalou o monte e a lâmina flamejante tocou na escadaria de mármore, abrindo uma fenda larga. Uziel teria caído pela encosta do monte se não tivesse adejado num reflexo instintivo. Ascendeu às alturas e mergulhou de seguida, aterrando num sítio acima do guardião, muito perto da passagem para o santuário. Virando as costas ao perigo, avançou veloz para dentro do templo, subestimando a potência de Miguel.

Mesmo sabendo que jamais venceria o impiedoso guardião, Uziel continuou a avançar. Queria entrar no Santuário do Alvorecer e vislumbrar a face do Onnipotente, só mais uma vez, nem que isso lhe custasse a vida. Se o Altíssimo estivesse realmente adormecido, teria assim obtido a resposta que procurava: de que a sua luta ao lado do arcanjo Miguel tinha sido legítima. Mas e se nada encontrasse? E se Javé não estivesse adormecido em Tsafon? Essa hipótese apavorava-o, mas ainda assim pereceria feliz, sabendo que desafiara o seu tirânico irmão, mesmo que num momento derradeiro. Ter-se-ia então redimido de todas as matanças, de todas as catástrofes que promovera, de todos os cataclismos que comandara.

Correndo e voando, saltou para o interior do edifício, venceu as colunas e ultrapassou o umbral da entrada.

Uma luz intensa confundiu-lhe os sentidos, mas a sua visão depressa se adaptou à claridade. No centro do grande aposento havia um pedestal trabalhado sobre o qual descansava um livro grosso e de aparência antiga, escrito por dentro e por fora. Era o Livro da Vida, um magnífico artefacto deixado ao Príncipe dos Anjos pelo próprio Deus e que relatava em detalhe toda a história do sétimo dia, desde

a criação do homem até ao crepúsculo dos tempos. Estava marcado com o código secreto dos malaquins, um idioma anterior à aurora do mundo. Miguel nunca deixava ninguém aproximar-se do livro e a sua obsessão pelo objeto chegava a ser psicótica.

Quando Uziel percebeu o que se passava, sentiu as costas rasgarem-se num corte abrasador. A dor do fogo queimou-lhe as asas e o sangue escorreu do ferimento. Como um raio certo, a espada flamejante do furioso Miguel dilacerara-lhe as costas letalmente. Atordoado, desabou contra o chão, largou a espada e esperou a morte.

O guardião pisou-lhe o busto, esmagando o metal da armadura dourada. Apontou a lâmina ao rosto do irmão, num prelúdio ao choque final.

— Miguel, traíste-nos! — protestou o ferido, cuspindo um refluxo de sangue. — Traíste a confiança dos arcanjos e de todos os celestiais!

— Eu não traí ninguém, Uziel. Foste tu que te traíste a ti próprio.

— Onde está Deus, Miguel? Onde está o nosso Pai Luminoso?

Prestes a desfalecer, Uziel ainda resistia, procurando a resposta para a sua busca desesperada. Não distinguira sinais do Altíssimo no templo de mármore, apenas os contornos de um livro envelhecido. O que teria acontecido ao Criador?

— O Onnipotente está aqui mesmo, Uziel. Será que não percebes? Está aqui, no Santuário do Alvorecer!

Uziel abanou a cabeça, convencido da insanidade do irmão. — Jávé está morto, é isso! Morreu ao fim do sexto dia! Não está meramente adormecido como tu disseste. Enganaste-nos durante todos estes anos, Príncipe Celeste — acusou. — Sinto vergonha por ter acatado as tuas ordens, mas estou feliz por ter alcançado a verdade finalmente.

Uziel acalmou-se. A vida estava a abandoná-lo, mas tinha cumprido a sua missão. Agora a sua essência vital poderia dissipar-se finalmente e regressar ao ventre do infinito.

Pronto para a execução, Miguel deteve a espada por mais um segundo. — Perdeste o juízo, pobre irmão. Se tivesses esperado só mais um pouco, não estarias agora estendido neste piso gelado. A Roda do Tempo não tardará a anunciar o Apocalipse. Mas não tens culpa. Não poderias ter feito nada para evitar o destino. Assim está escrito — completou, fatalista.

O príncipe levantou a sua lâmina e Uziel aguardou a sentença.

— Não me tomes por louco — acrescentou o arcanjo Miguel num discurso inesperado. — Antes de morreres, quero que saibas que só digo a verdade e faço tudo pelo bem da criação. Deus está adorme-

cido, e se não o encontraste quando entraste nesta sala... — calou-se e de seguida atacou com a espada, perfurando o estômago do moribundo — ... é porque não tiveste a dignidade de olhar para trás.

Quando a arma encravou, Uziel contorceu-se em espasmos de dor. Miguel trespassara-lhe o peito, a parte mais sensível da anatomia angélica, onde está concentrada toda a essência celeste, toda a energia sagrada, todo o poder da aura pulsante.

Com uma mão, Miguel despedaçou-lhe a couraça e com a outra arrancou o coração do irmão. Uma luminosidade mística envolveu o corpo, que se dispersou em vibrações cintilantes. E assim foi o fim do arcanjo Uziel, patrono da casta dos querubins.

Vitorioso, Miguel aproximou-se do pedestal onde repousava o livro fechado. Passou os dedos sobre as inscrições e sublinhou com os olhos os caracteres marcados. Virou-se para trás, para a nave do templo, agora vazia. Depois voltou a atenção para o livro sagrado. Com um misto de seriedade e loucura, falou num sussurro: — Concordo contigo num aspeto, irmão: chegou o dia de Deus despertar do seu sono.

Rio de Janeiro, costa leste da América do Sul, num futuro próximo.

O Rei Caído da Atlântida

O Sol estava a pôr-se.

Especado sobre a gigantesca mão da estátua do Cristo Redentor, o Anjo Renegado observava a cidade perante a aproximação do crepúsculo. A sua expressão, inabalável e serena, era a de alguém que vivera muitas vidas, de um andarilho que percorrera o mundo, desvendara os seus infinitos mistérios e enfrentara toda a espécie de criaturas abissais e celestes. Mas era também o semblante de um pioneiro que visitara nações já perdidas e se sentara à mesa com os grandes homens de outrora. Era como se, nas profundezas daqueles olhos cinzentos, estivesse gravada uma parte singela de cada civilização, de cada povo, de cada cultura ancestral e moderna: desde as torres resplandecentes da Atlântida até às pirâmides da Babilónia; desde as cidades-Estado gregas à majestade do Império Romano; desde as catedrais medievais às caravelas de Sagres; desde as campanhas napoleónicas ao horror nuclear. A história de toda uma espécie vivia agora na mente do fugitivo, um guerreiro de aparência jovem, tão preservado quanto os mortais no auge da casa dos trinta.

Às vezes o lutador ficava imóvel durante horas, em absoluto silêncio, meditando sobre os amigos já mortos, para que jamais lhe abandonassem a memória. Padecia de um único temor: o medo de esquecer, de esquecer os seus ideais, o seu passado e a sua luta incansável.

Uma rajada de vento varreu a montanha, fazendo esvoaçar os cabelos loiros do renegado. Prendeu-os com uma fita e caminhou sobre a estrutura de pedra. O seu equilíbrio era impecável, mesmo na estreita passagem que completava o braço da escultura titânica. Não se parecia com um anjo de facto, porque escondia as asas, enfiadas na carne. O rosto era tipicamente nórdico e o corpo atlético, forte e delgado. Tinha um aspeto felino: era a face de um caçador, sempre alerta ao perigo e pronto para responder ao ataque. A barba, mais espessa à volta da boca, formava um cavanhaque dourado e as roupas escuras delineavam uma silhueta sombria. Estático e inabalável perante o vento, o querubim esperava por algo. Provava o cheiro do ar, ouvia o movimento das nuvens e observava a despedida do Sol.

Dali, do cume da enorme montanha, mesmo os maiores arranha-céus eram como agulhas, farpas minúsculas no coração da cidade. As águas da baía de Guanabara, cercada pela montanha do Pão de Açúcar e pelas areias brancas da enseada, refletiam o brilho róseo do poente. Foi então que, enquanto contemplava a paisagem, o querubim se apercebeu como a metrópole crescera desde a sua chegada ao Brasil há trezentos anos exatos. As praias estavam interditas e as fábricas poluíam a baía. As pessoas tinham construído pontes e ruas e levantado antenas no alto dos morros.

Agora, era só uma questão de tempo até que o Sol extinguisse o seu fogo e a civilização mortal percesse.

E o gigante dos tempos percebeu então por que estava triste.

Por mais que um dia tivesse sido um anjo, agora era humano também.

O tecido da realidade tremeu e um trovão correu pelas nuvens.

A membrana mística, a película invisível que separa o mundo físico do espiritual, fora abalada, lançando dois visitantes para o plano material, duas entidades tão fortes como o general exilado. Uma delas materializara-se à distância e permanecia parada sobre a grade de ferro que circundava a base da estátua. Emanava uma aura terrível, maléfica, cheia de ódio e furor. O segundo era amistoso e não desejava combater. Apareceu ali perto, por cima do ombro do Cristo, próximo do anfitrião renegado. Coxo, caminhou ao encontro do anjo guerreiro apoiado numa bengala afiada.

— Ablon, o Anjo Renegado — sussurrou o forasteiro, evocando o verdadeiro nome do general. — Já calculava que te encontraria aqui. De certa forma, não deixa de ser irónico...

A criatura saiu das sombras e, tal como o querubim, parecia um homem comum. Maduro, tinha o corpo largo e maciço, mas era mais baixo que o querubim. Usava um fato alinhado, imitando os trajes mundanos. Uma barba escura cobria-lhe a face e delineava-lhe o queixo redondo.

— ... nos braços de Deus — completou.

Órion, o Rei Caído da Atlântida. Era assim que lhe chamavam.

— Pensei que viesses sozinho — reagiu o querubim, fitando o demónio disfarçado de gente, empoleirado na grade metálica trinta metros abaixo.

— Ah, sim, Apolião... — A atenção de Órion desviou-se para a mureta de ferro. — Sinto muito. Tive que o trazer. Ordens do chefe.

As montanhas engoliram finalmente o lume do sol vespertino e o oceano aguardou o nascimento da lua. Já na penumbra da noite, Ablon virou-se para encarar o seu velho confrade, um anjo caído que era agora um dos duques do inferno, um monarca falido que tinha seguido as hostes de Lúcifer nos tempos da guerra no céu.

— Órion, aceitei encontrar-me contigo em consideração pela nossa antiga amizade. Quero deixar claro que é esse o único motivo. O teu mestre traiu-me. O demónio que te acompanha — disse, referindo-se ao implacável Apolião, um assassino terrível, conhecido por ter vitimado dez dos dezoito renegados — matou muitos dos meus amigos. Além disso, nunca simpatizei com os condenados do porão. Portanto, sê breve. O tempo corre.

O Rei Caído sorriu. Aquele era o antigo Ablon, sem dúvida, o seu bom camarada que às vezes o visitava na Atlântida e se sentava ao banquete nos dias festivos. O general não tinha mudado. Órion admirava-o porque, apesar das provações, das perdas e das perseguições, Ablon não esquecera os seus verdadeiros valores. Desafiara todos para defender uma causa e por ela continuaria a lutar. *Quem me dera ser como ele*, pensou o monarca, mas reconhecia também o revés da liberdade. A morte e a solidão acompanham os exilados, e de repente Órion achou que, mesmo que tivesse escolhido o caminho dos bravos, talvez não conseguisse trilhá-lo.

— Então também reparaste, não foi? — instigou o infernal. — Os sinais. São a prova definitiva de que o sétimo dia está a terminar, e com ele toda a vida humana.

O Apocalipse.

Órion estava certo. Os sinais eram evidentes. Todos os símbolos e profecias apontavam para o Juízo Final.

— Sou um anjo renegado, o último ainda vivo. Estou condenado a viver neste mundo físico. Já não posso cruzar o tecido da realidade como vós. Mas não é preciso ser muito esperto para saber que o Armagedão se aproxima. — O guerreiro fez uma pausa e concluiu: — É triste pensar que tudo o que fizemos foi em vão.

Órion aproximou-se do exilado e tocou-lhe no ombro. Mesmo manco, equilibrava-se com mestria no braço da estátua de pedra, amparado pela bengala.

— Já não há saída possível, Órion — continuou o fugitivo. — Já não há esperança. O arcanjo Miguel conseguirá finalmente o seu intento, mas desta vez não enviará os anjos. A civilização humana arruinar-se-á a si própria. E contra os homens nada podemos fazer.

Seguiu-se um longo silêncio e depois a conversa penetrou na noite cerrada. Ablon continuava atento à silenciosa presença de Apolião, o Exterminador, que o observava de longe. Os dois eram inimigos declarados, desde os tempos em que ambos eram generais no paraíso: Apolião também era um anjo caído como Órion e Lúcifer. Era uma contenda milenar, e brigas ancestrais só se resolvem pela espada.

— Há muitos anos, fui o príncipe da Atlântida — começou o visitante por dizer. — Como um deus, governei a cidade. Cada humano era para mim como um filho. A felicidade estava em todos os lugares e quase não existia sofrimento. Naquela época eu tinha um amigo. Era um guerreiro formidável, um soldado valente e sábio. Vinha amiúde ao meu palácio. Falávamos à multidão e depois cantávamos louvores ao Altíssimo. Mas um dia a utopia terminou. A fúria dos arcanjos devastou a minha ilha e o povo morreu. E assim acabou também o meu sonho, o meu desejo de difundir a perfeita civilização, sem dor nem miséria. Quando regresssei ao salão celestial, soube que o meu amigo, o general incansável, tinha enfrentado os primogénitos, e a coragem dele fez-me prosseguir. Tudo o que eu queria era vingança, e então, desesperado, aceitei as ideias de Lúcifer. É verdade que fomos derrotados e que a nossa punição foi tenebrosa, mas nunca me arrependi de ter confrontado o opressor. Para isso, inspirei-me em alguém. — O seu olhar virou-se para o querubim. — Lutaste durante toda a tua vida, general. Não podes desistir agora.

— E qual é a tua proposta? — perguntou o general, amolecido pela confissão do monarca.

— Sei que Lúcifer te traiu. Talvez ele não seja a criatura mais justa do universo, mas é quem melhor conhece as fraquezas do tirânico Miguel. Todos no inferno e no céu esperam pelo derradeiro confronto,

a Batalha do Armagedão, que antecederá o despertar do Altíssimo. O combate é a nossa última hipótese de despojarmos o Príncipe dos Anjos, antes de o Criador voltar à cena do cosmos. Os vencedores estarão mais perto de Deus e a ele apresentarão as suas armas.

— Quando Javé acordar, punirá os perversos. E não há dúvida de que Miguel será o primeiro a ser condenado, por ter usado a palavra do Altíssimo para justificar tantos massacres. Porque não esperar simplesmente? Porque não aguardar o regresso do Reluzente?

— Quanto a ti não sei, mas nós queremos vingança — ripostou Órion, e analisou o rosto sofrido do fugitivo. — E eu diria que tu também.

— Tudo o que quero é justiça.

— Que seja. Chama-lhe o que quiseres. Os teus interesses estão ligados ao nosso. Miguel prepara-se para a guerra e temos um inimigo em comum.

— O que estás a propor-me é uma aliança — disse o general, incrédulo.

— Lúcifer quer-te ao nosso lado.

— O teu mestre sabe que nunca me uniria a ele, depois de ele nos ter enganado e denunciado a conjuração. Se eu tiver que lutar essa última batalha, não será sob as asas de um maldito farsante.

Órion já esperava aquela resposta e chegara a pensar que o seu senhor era estúpido por o ter enviado à terra com uma proposta tão inusitada. Mas surpreendera-se muitas vezes com a perspicácia de Lúcifer e, por conseguinte, preferiu não o julgar precipitadamente.

— Percebo todas as tuas preocupações, mas desta vez é diferente. Este é o embate final de uma guerra que persiste durante milhares de anos. Não haverá outra oportunidade para derrotar o arcanjo.

Ablon cerrou os punhos e fechou os olhos em ligeira meditação. O que mais desejava era completar o ministério da sua vida, enfrentar o Príncipe Celeste e vingar a memória dos renegados. Sabia que jamais venceria uma guerra sozinho, mas certamente aquela guerra não seria vencida sem ele. Depois de tantas batalhas, de tantos combates, era o comandante ideal, o mais indicado para dirigir um exército hostil contra o tirano. Mas, controlando ou não uma armada, Ablon desafiaria Miguel mais cedo ou mais tarde, porque era essa a sua demanda vital, o sentido da sua existência. O duelo só seria possível quando o tecido da realidade caísse, já que o exilado estava preso ao seu corpo físico e, portanto, incapaz de passar ao plano espiritual e de viajar para o paraíso. E a membrana só desapareceria aquando da

conclusão do Apocalipse. Mas, caso entrasse em acordo com Lúcifer, teria o Diabo meios de pôr príncipe e vagabundo frente a frente numa peleja mortal?

— Estarei à tua espera nas proximidades da ponte Rio-Niterói daqui a quatro dias — disse Órion, quebrando o silêncio. — Se não estiveres lá, voltarei ao Xeol e direi ao meu mestre qual foi a tua resposta.

O renegado concordou com um tímido sinal de cabeça. Não des-cuidava nem por um instante o seu odiado rival, o demónio Apolião, ainda empoleirado no gradeado. Era fortíssimo o tal Exterminador, um demónio guerreiro pertencente à casta dos malikis, os soldados do inferno. A pele era morena como a dos beduínos, e os cabelos negros e ralos. Vestia um sobretudo castanho, muito surrado, e roupas grossas. Tal como Ablon, tinha instintos de predador, e é claro que estava preparado para avançar caso o querubim saltasse para o atacar.

Órion avançou para as trevas, mas acrescentou num sussurro, antes de desaparecer no escuro: — Quero que fiques com isto. — Tirou do bolso um fragmento de pedra. Era um estilhaço negro de basalto, com a superfície marcada por um símbolo em baixo-relevo.

— É a runa atlântica da paz — reconheceu Ablon.

— Era parte do monólito que levantei na praça central da Atlântida. Foi a única coisa que sobrou da minha cidade — disse Órion, melancólico.

— Eu lembro-me — disse o guerreiro com respeito, aceitando o presente.

Ablon não era o único a sofrer com as memórias passadas. Órion também tinha os seus próprios fantasmas, e talvez fosse a dor que os unisse, a nostalgia inesquecível daqueles dias de glória. Compreendeu, então, mais uma das grandes emoções humanas. A ligação entre o demónio e o renegado era forte porque compartilhavam das mesmas lembranças. E essas recordações são invioláveis, precisamente porque se transformam em lugares míticos, inalcançáveis, ícones para uma mente sofrida.

Quando a lua nasceu, arrastando o índigo da primavera, os dois infernais já tinham sumido. A membrana fora novamente rompida, e agora Órion e Apolião estavam a caminho do inferno.

— Lúcifer foi muito esperto ao mandar-te aqui, Rei Caído — sussurrou Ablon. — És o único a quem dou ouvidos. Mas estarei preparado para tudo. Como sempre estive.

Desceu da estátua com um salto e seguiu pela estrada de regresso à cidade.